

MALINCHE: UM DISCURSO SITUADO

Maria Luana dos Santos *

RESUMO: *Por meio do discurso literário e literomusical, correspondentes às materialidades Malinche e “maldición de malinche”, respectivamente, tentamos compreender como as formações ideológicas interferem na formação discursiva, expressa pelos discursos em análise. Considerando os conceitos de interdiscurso e ethos discursivo, buscamos demonstrar como sujeitos-enunciadores constroem uma imagem de si no discurso, o que acaba por desvelar a conjuntura de produção destes, isto é, as condições sócio-históricas e ideológicas que interferem sobremodo nos discursos e, na detecção de identidades.*

PALAVRAS-CHAVE: *Discurso; Formação ideológica; Identidade.*

ABSTRACT: *Through literary and literomusical discourse, corresponding to materiality Malinche and Maldición of Malinche, respectively, try to understand how the ideological formations interfere with the discursive formation, expressed by the discourses in question. Whereas the concepts of interdiscourse and ethos discursive, we demonstrate how subject-enunciators build a picture of themselves in discourse, which turns out to unveil the production environment of these, that is, the socio-historical and ideological conditions that interfere greatly in the discourses and identities in detection.*

KEYWORDS: *Discourse; Ideological training; Identity.*

O homem não possui um território interior soberano, ele está inteiramente e sempre em uma fronteira; olhando para o interior de si, olha nos olhos do outro ou através dos olhos do outro.

(Mikhail Bakhtin, 1981)

Nada, nada é meu, nem o pensamento.
(Jorge Aragão e Flávio Cardoso, 2000)

O romance *Malinche* (2006), de Laura Esquivel, e a canção “maldición de malinche” (1975), escrita por Ochoa & Palomares, servem de mote para o desenvolvimento das discussões acerca do discurso e de suas particularidades conceituais. Esses corpora serão analisados segundo os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, assim o romance será abordado enquanto discurso literário e, a canção como um discurso literomusical.

Os discursos mencionados são utilizados como possibilidade para a análise da constituição sócio-histórica da sociedade mexicana, principalmente, ao serem desmembrados a partir dos conceitos de

* Mestranda do PPG-Letras/UFGD, área de concentração em Literatura e Práticas Culturais. Orientanda da Prof.^a Dr.^a Alexandra Santos Pinheiro e bolsista FUNDECT/CAPEL. Contato: mluanads22@bol.com.br.

interdiscurso e ethos discursivo. Com o propósito de compreender a sociedade mexicana, a partir dos discursos construídos sobre o período colonial, reduzimos esta para a menor unidade de sua formação, o sujeito enquanto possuidor de uma identidade. Prática possível, pelo fato de que os sujeitos-enunciadores dos discursos analisados podem ser apreendidos ao passo que a atividade discursiva se estrutura.

[Isso porque] Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (...) Que a maneira de dizer induz uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as conseqüências (AMOSSY, 2008, p.9).

Quando tomamos a palavra assumimos um discurso, que deixa transparecer o fiador por meio do sujeito-enunciador presente no discurso, ocorrendo o desvelamento das formações ideológicas que agem sobre a formação discursiva na qual se insere nosso discurso. Constatamos em nossa análise que um fator sócio-histórico age diretamente sobre a constituição/consolidação dos discursos, de modo que, sair da superfície e aprofundar a análise do discurso que se apresenta se converte em mecanismo para o conhecimento da sociedade e dos sujeitos discursivos destas.

DISCURSOS LEGITIMADORES

As últimas décadas vem sendo marcadas por incessante busca pela compreensão das sociedades, e, do homem de modo geral. Nesse processo, nos deparamos com um aparato científico cada vez mais especializado em que as mais diversas áreas do saber entram em concorrência na tentativa de uma explicação que seja ao menos plausível e, quando não, satisfatória. A Análise do Discurso (AD), não muito alijada dessa perspectiva desenvolve seu método de investigação a partir da análise dos discursos produzidos por formações sócio-discursivas, não sem considerar suas especificidades.

Mas como tal processo se dá? Para responder a tal questionamento, precisamos definir o mais importante conceito para que uma análise do discurso se desenvolva: o discurso. A fim de aclarar esse termo podemos dizer que se trata da instância que transforma as palavras em coisas, a zona intermediária entre as palavras e coisas, ou mais detidamente considerar o posicionamento que segue:

Inicialmente, podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é língua, nem texto, nem fala, mas necessita de elementos lingüísticos [sic] para ter existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística [sic]. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é forma material de expressão desses lugares. Vemos, portanto, que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real (FERNANDES, 2008, p. 13).

O discurso¹ considera aspectos sociais e ideológicos das manifestações humanas, enquanto emissão de enunciados por um enunciador, que não logra expressar-se sem tornar material, elemento papável, seu posicionamento acerca de um tema através de um código. Pareceres que são carregados do ambiente social e de “coerções” ideológicas dos espaços discursivos aos quais os discursos e os sujeitos discursivos estão convencioneados. Assim, é fato que a Análise do Discurso considera não apenas os textos, ao enfatizar o plano do conteúdo, trazido à tona pela investigação da linguagem, tampouco os aspectos eminentemente ideológicos, sociológicos, ao destacar a conjuntura/condições de produção.

Considerar tais assertivas remete-nos a interrogação: como pode a AD transitar por outras áreas e, analisar até mesmo a maneira de estruturação destas? Pergunta até certo ponto retórica dada a imensa maioria das manifestações sociais serem realizadas obedecendo a um código, seja este verbal, não verbal ou multimodal, e também, estarem envoltas pelos espaços nos quais se desenvolvem, bem como, pelas “orientações ideológicas de dado período histórico. Tocamos, destarte, em ponto crucial para a Análise do Discurso, isto é, estamos a quase todos os instantes do dia, nos mais variados espaços cercados por discursos, o *corpus* máximo que possibilita o desenvolvimento de uma análise por essa ciência.

Se Análise do Discurso analisa os mais diversos discursos, e estes estão em todas as partes, isso significa que essa “disciplina” poderia se desenvolver em outros espaços que não o das letras, ao mesmo tempo em que utiliza para sua prática a produção científica de outras áreas que não a ‘sua’, conhecimentos que são exigidos pelos objetos sob investigação. Assim sendo, a análise nesses moldes empreendida poderia ocorrer dentro da

¹ Acerca do conceito de discurso e seus pares constitutivos, Cf. FERNANDES, Cleudemar Alves. “A noção de discurso: discurso, ideologia e efeito de sentido”. In: _____. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. 112 p.

área da história, da sociologia, das ciências médicas, dentre outras.

Partindo dos conceitos e da prática analítica da AD, bem como de seu potencial para a análise de diferentes discursos, centramos nossas discussões no desenvolvimento da análise do discurso literário, aprofundando os conceitos de ethos, interdiscurso, discurso constituinte e formações discursivas e ideológicas. Para esse aprofundamento, a obra *Discurso literário* (2012), de Dominique Maingueneau, é salutar para o desenvolvimento da análise acerca do discurso literário em seus pontos mais específicos.

Na referida obra, a mais elementar colocação de Maingueneau que confere certo destaque a produção literária no âmbito da Análise do Discurso se refere ao fato das obras literárias serem orientadoras, (auto)fundadoras de um discurso constituinte, e como tal, ser uma instância que inscreve discursos, logo, passíveis de análise pela AD.

Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurso. O jornalista, às voltas com um debate social, vai recorrer assim à autoridade do sábio, do teólogo, do escritor ou do filósofo – mas o contrário não acontece. Esses discursos são, portanto, dotados de um estatuto singular: zonas de fala entre outras e falas que se pretendem superiores a todas as outras. Discursos-limite, situados num limite, e que se ocupam do limite, eles devem gerir em termos textuais os paradoxos que seu estatuto implica. Com eles, são formuladas em toda a sua acuidade as questões relativas ao carisma, à Encarnação, à delegação do absoluto: a fim de autorizar-se por si mesmos, eles devem se propor como ligados a uma fonte legitimadora. São a um só tempo *autoconstituintes* e *heteroconstituintes*, duas faces que se pressupõem mutuamente: só um discurso que se *constitui* ao tematizar sua própria constituição pode desempenhar um papel *constituente* com relação a outros discursos (MAINGUENEAU, 2012, p. 61).

O discurso literário propriamente dito (...) busca absorver “no mais profundo de sua exposição, suas próprias estruturas teóricas, pronto a operar com elas obliquamente num nível estrutural ou a reinscrevê-las ficticiamente como seu próprio conteúdo”. É, pois, nas formas literárias que se tem de tornar manifesto o pensamento que a literatura produz. A intraduzibilidade de uma obra literária para outro plano de expressão ou para um metadiscurso estaria ligada ao fato de que – retomando os termos de Macherey – “os textos literários são a sede de um pensamento que se enuncia sem atribuir a si mesmo as marcas de sua legitimidade, pois devolve sua exposição à sua encenação” (Ibidem, p. 66).

Logo, o discurso literário é um discurso constituinte pelo fato de

que é autoconstituente, isto é, lança as bases para sua própria legitimação, ao passo que é heteroconstituente, quando autoriza, desencadeia a manifestação de discursos outros. É o próprio discurso literário que atua na elaboração de estruturas para textos literários vindouros, sendo produtor, assim, de um modelo de construção que dita os rumos que ele mesmo deve seguir para ser um discurso propriamente literário. Deste modo, os “textos” provenientes do discurso literário, enquanto discursos de formações discursivas prioritariamente literárias delimitam o que é pertinente aos seus domínios ou não, ou seja, atua na delimitação, zona fronteira e, por isso, nem sempre tranquila, de um discurso “verdadeiramente” literário.

Correto afirmar, então, que os gêneros discursivos de quaisquer que sejam os grupos discursivos presentes na sociedade são provenientes de discursos constituintes, gêneros que buscam nessas instâncias legitimadoras os alicerces para sua configuração. Cabe lembrar, que é a partir dos discursos constituintes, enquanto discursos sujeitos a padrões sociais e ideológicos de grupos que “pensam” dentro de uma mesma estrutura, que cenas genéricas passam a ser estruturadas segundo um padrão que as autoriza como literárias, ou seja, sob as “pressões”, formações sócio-históricas e ideológicas.

Como discursos constituintes são fundadores de gêneros discursivos, aceitamos como factível a elaboração de discursos que dão conta da sociedade na qual esses discursos estão inseridos, bem como de material humano em suas relações de embate/debate diários. Ao tomar a literatura, ou melhor, o discurso literário como um discurso constituinte, concordamos que os gêneros discursivos literários são passíveis de investigação como qualquer outro discurso. E, como tais, podem/devem ser pensados, refletidos a partir dos conceitos inerentes a uma investigação analítica discursiva.

O romance *Malinche* (2006), da escritora mexicana Laura Esquivel, enquanto discurso literário, e a canção “maldición de malinche” (1975), de Ochoa e Palomares, um discurso literomusical, envolvem o mesmo tema, isto é, discursos acerca da controversa personagem da história mexicana, Malinche. Esposa e/ou amante do colonizador espanhol Hernán Cortés, que causa sérios debates no México, principalmente quando se está em jogo o discurso construído acerca do processo de colonização do “Novo Mundo”.

Nessas sendas, buscamos desenvolver uma análise dos discursos presentes nesses *corpora*, a fim de compreender como se dá a construção discursiva acerca desse período histórico, e, mais especificamente, de sua influência no constructo social. Ao analisar os dois discursos nos pontos em que se tocam ou distanciam-se, pudemos colocar em relevo, por exemplo, a concepção de percurso, isto é, o que leva à transformação o

sujeito-enunciador entre os pontos A e B. Tentamos compreender, assim, os sujeitos-enunciadores presentes, em:

Del mar los vieron llegar/mis hermanos emplumados/eran los hombres barbados/de la profecía esperada/Se oyó la voz del monarca/de que el Dios había llegado/y les abrimos la puerta/por temor a lo ignorado/Iban montados en bestias/como demonios del mal/iban con fuego en las manos/y cubiertos de metal/Sólo el valor de unos cuántos/les opuso resistencia/y al mirar correr la sangre/se llenaron de vergüenza/Porque los dioses ni comen,/ni gozan con lo robado/y cuando nos dimos cuenta/ya todo estaba acabado/En ese error entregamos/la grandeza del pasado/y en ese error nos quedamos/trescientos años esclavos/Se nos quedó el maleficio/de brindar al extranjero/nuestra fe, nuestra cultura/nuestro pan, nuestro dinero/Y les seguimos cambiando/oro por cuentas de vidrio/y damos nuestra riqueza/por sus espejos con brillo/Hoy en pleno siglo XX/nos siguen llegando rubios/y les abrimos la casa/y los llamamos amigos/Pero si llega cansado/un indio de andar la sierra/lo humillamos y lo vemos/como extraño por su tierra/Tú, hipócrita que te muestras/humilde ante el extranjero/pero te vuelves soberbio/con tus hermanos del pueblo/iOh, Maldición de Malinche!/iEnfermedad del presente!/¿Cuándo dejarás mi tierra?/¿Cuándo harás libre a mi gente?(OCHOA & PALOMARES, 1975).

— Verdade? Que tesouros são esses? Onde estão tais grutas? Malinalli não respondeu. Disse que não sabia. A interrupção a incomodou. Percebeu que Cortés não se interessava em escutar nada de sua religião, nem de seus deuses, nem de suas crenças, nem dela mesma. Só o interessavam os tesouros materiais. Desculpou-se e foi chorar no rio (ESQUIVEL, 2007, p.69)².

Ou seja, por qual transformação esse enunciador, que coloca em destaque o mesmo tema, passou no curto espaço de três décadas? Um ponto é evidente, embora tratem do mesmo tema os discursos possuem algumas pequenas diferenças, que são significativas para a constituição do enunciador. Ademais, a faculdade de se colocar um discurso em relação com o outro é importante, pois um discurso não se constituiria se não considerasse outro que a ele se opusesse, ou mantivesse uma relação mínima de proximidade, de modo que não se constituiria um discurso, muito menos permitiria uma análise.

² Apenas um recorte que permite uma relação interdiscursiva entre discurso literário e literomusical.

MALINCHE: O COMO E NÃO O QUÊ

Na esfera da crítica literária, frequentemente, a prática teórica busca a compreensão por meio da interpretação do conteúdo presente no objeto de estudo, situação que suscita questionamentos quanto *ao quê* o texto traz em seu enredo. A partir dos estudos desenvolvidos pela Análise do Discurso há a alteração desse questionamento, *o quê* é substituído pelo *como*, pois ao invés de se buscar interpretar o texto, tenta-se entender como os discursos sobre determinado tema são desenvolvidos nas materialidades que se tem à disposição.

Com o intuito de dar prosseguimento a análise, começemos por tratar dois princípios norteadores de nosso trabalho: a formação discursiva e a formação ideológica. Etimologicamente o termo *formação* procede do latim *formatio,ónis* e significa: formação, ação de formar, forma, configuração; já *discursiva* é a junção de discurso + ivo, sendo que *discurso* advem do termo latino *discúrsus,us* e quer dizer, dentre outras possibilidades: ação de estabelecer conversação; *ideológica* < *ideologia*: ide(o) + *logia*, pelo fr. *Idéologie*, ciência que tem por objeto de estudo as idéias.

Por dedução poderíamos considerar que uma formação discursiva corresponde à ação de formar/estabelecer uma conversação, dito de outra maneira corresponderia aos atos do dizer. Seguindo a mesma lógica, a formação ideológica trataria de uma ação que busca formar idéias. Ou seja, enquanto a formação discursiva estaria ocupada pelas manifestações do dizer, do falar segundo uma forma, a formação ideológica se centraria nas manifestações das ideias que obedecem a um determinado ‘modelo’.

Para Michel Pêcheux, (...) o termo é emprestado de Foucault, mas se inscreve na rede conceitual do althusserianismo, ao qual se filia Pêcheux, que usa constantemente “formação discursiva” e “formação ideológica”. A referência aos “clássicos do marxismo” lhe permite definir a formação discursiva como “determinando *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de um discurso, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 2008, p.14).

Então a formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito sobre um dado tema obedecendo a uma conjuntura de produção segundo padrões sócio-históricos e ideológicos que estão implicados no ato da constituição do discurso. A formação ideológica, por sua parte, corresponde ao que pode e deve ser pensado pelo enunciador de um discurso, dentro das mesmas condições as quais está sujeita uma formação discursiva. Isso pressupõe que formações discursivas e ideológicas estejam imbricadas de

modo que as formações discursivas estejam sujeitadas às formações ideológicas.

Se tomarmos os discursos como produtos de uma ou mais formações discursivas, então podemos corroborar com a assertiva de que estes são partícipes do mesmo quadro a que estas se sujeitam, assim os discursos são naturalizados socialmente pelas formações ideológicas que incidem sobre as formações discursivas. Trazendo essa reflexão para os discursos literomusical e literário, compreendemos que há forças que atuam sobre a sua constituição, e conseqüentemente, do enunciador presente em ambos. O que nos leva a concluir que a AD atua na desnaturalização, bem como na desaturatização de discursos tomados, a princípio, somente em sua superfície.

Nessa direção, o ‘espaço entre’ no qual se estabelece a relação entre os dois discursos presentes nos objetos de análise exige detimento. E, uma maior compreensão do que seja interdiscurso é necessária, já que sem ela não podemos seguir em uma análise profunda, permanecendo no espaço do senso comum, uma leitura possível, pois este possui o seu saber, mas não aquele de que se possa submeter à comprovação, como é o caso do saber científico.

O interdiscurso, como definido por Pêcheux, lembra bem a noção de universo discursivo, como definido por Maingueneau. Reconhecer sua existência é, por um lado, uma obrigação, dado o quadro (é uma lapalissada). O conceito teoriza o “fato” de que um discurso não nasce de um retorno às próprias coisas, mas de um trabalho sobre outros discursos (Maingueneau, 1987, p. 120), tese que, é bem verdade que na forma de tateios, é ainda mais radicalmente defendida – ou, melhor dizendo, mostrada – por Scneider (1985): “tudo já foi dito” é seu mote fundamental (POSSENTI, 2003, p.256).

Ou ainda,

Segundo ele [Maingueneau], ‘é necessário afinar este termo [interdiscurso] muito vago para nosso propósito e substituí-lo por uma tríade: *universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo*’. Por universo discursivo, o autor entende o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Este universo discursivo representa necessariamente um conjunto finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade. (...) Por campo discursivo, Maingueneau entende um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, seja em confronto aberto, em aliança, na forma de neutralidade aparente etc. entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modo pelo qual ela deve ser preenchida. (...)

Finalmente, Maingueneau propõe isolar *espaços discursivos*, isto é, subconjuntos de formações discursivas cuja relação o analista julga pertinente para seu propósito (Ibdem, p.263).

O interdiscurso observa os discursos a partir de sua constituição em relação a outros discursos, que sejam anteriores ou ocupem um posicionamento [posição] diferenciado. Como se percebe na proposta de Maingueneau, apresentada por Possenti, há uma divisão no interior do conceito para que ele se converta em meio funcional. Essa subdivisão acaba por partir de um contexto mais amplo para um mais estrito no que toca às formações discursivas, ao discurso propriamente dito. O que é ponto comum na conceituação do termo por parte dos dois teóricos se refere ao ato de mencionar que os discursos estão de algum modo, estabelecendo uma relação, seja ela explícita ou implícita, pacífica ou não.

No discurso literomusical, temos um espaço discursivo no qual se evidencia a maneira pela qual o enunciador visualiza a chegada, estabelecimento e efeito da coroa espanhola naquele que ficou conhecido como o “Novo Mundo”, um efeito marcadamente negativo, como consequência de um estabelecimento daquele que chegava pautado na ignorância e equívocos dos “nativos”. Nos enunciados:

Del mar los vieron llegar/mis hermanos emplumados/eran los hombres barbados/de la profecía esperada/Se oyó la voz del monarca/de que el Dios había llegado/y les abrimos la puerta/por temor a lo ignorado/Iban montados en bestias/como demonios del mal/iban con fuego en las manos/y cubiertos de metal/” (OCHOA & PALOMARES, 1975).

Percebemos um discurso que evidencia o modo pelo qual os europeus chegaram além-mar e como tomaram posse das terras, um discurso que só se estrutura como tal porque há outro que a ele se opõe, ou seja, estamos diante de um discurso que desnaturaliza discursos outros que estiveram em voga e que não davam conta da elaboração de tal processo.

No caso do romance quando o enunciador coloca em relevo o seguinte enunciado:

__ Verdade? Que tesouros são esses? Onde estão tais grutas?
Malinalli não respondeu. Disse que não sabia. A interrupção a incomodou. Percebeu que Cortés não se interessava em escutar nada de sua religião, nem de seus deuses, nem de suas crenças, nem dela mesma. Só o interessavam os tesouros materiais. Desculpou-se e foi chorar no rio (ESQUIVEL, 2007, p.69).

Ele está construindo um discurso que marca a expugnação das riquezas das terras recém “descobertas”, e que somente se constitui como tal porque há discursos outros aos quais ele retoma, ou melhor, se relaciona. Isto é, só há possibilidade de constituição de um discurso acerca do derrame das riquezas materiais do “Novo Mundo”, porque há outros discursos, enunciados que dão conta do mesmo processo, podemos então, falar em interdiscurso.

Com enfoque ainda na relação interdiscursiva que coloca estes dois discursos, o literário e o literomusical em franco relacionamento, vale ressaltar, os seguintes enunciados:

Hoy en pleno siglo XX/nos siguen llegando rubios/y les abrimos la casa/y los llamamos amigos/Pero si llega cansado/un indio de andar la sierra/lo humillamos y lo vemos/como extraño por su tierra/Tú, hipócrita que te muestras/humilde ante el extranjero/pero te vuelves soberbio/con tus hermanos del pueblo/iOh, Maldición de Malinche!/ ¡Enfermedad del presente!/¿Cuándo dejarás mi tierra?/¿Cuándo harás libre a mi gente? (Op. cit.).

[Fala de Malinche] A você, mãezinha [deusa asteca], peço que seja o reflexo deles, e que se sintam orgulhosos quando a virem. Eles não pertencem nem ao meu mundo nem ao dos espanhóis. São a mistura de todos os sangues: o ibérico, o africano, o romano, o godo, o sangue nativo e o sangue do Oriente Médio. (...) Não permita que um espelho negro lhes diga que são inferiores, que sofram ou aceitem maus-tratos e violência como único valor. Livre-os da traição, do ódio, do poder, da ambição. Apareça em seus sonhos para limpar de sua cabeça o sonho da guerra, esse sonho de loucura coletiva, esse doloroso inferno. (...) É o que lhe peço grande senhora. Fortaleça o espírito da nova raça que com novos olhos se olha no espelho da Lua, para que saiba que sua presença na terra é uma promessa cumprida do universo (Op. cit., p. 189).

Neles se percebe uma divergência nas construções, estas correspondem ao modo como se estruturam os posicionamentos acerca do contato entre aqueles ao qual a voz do enunciador se coloca como partícipe, através da 1ª pessoa, seja essa manifestada no singular ou no plural. No primeiro discurso o enunciador aponta essa questão de maneira totalmente negativa, o que se percebe pela escolha dos léxicos utilizados, todos com um tom que expressa rancor e voracidade, como se percebe em: “hipócrita que te muestras”, “te vuelves soberbio”, “¡Maldición de Malinche!” e “¡Enfermedad del presente!”, todos com uma carga semântica que demonstra o desprezo em relação a representação que o estrangeiro representa para esse enunciador. O dito, nesse trecho, deixa entrever o não-dito, ou seja, o enunciador deixa transparecer em seu discurso que há

um repúdio ao estrangeiro, mas também, que há aqueles que seguem tratando aquele que vem de fora de maneira positiva, rejeitando suas “raízes”.

Já no segundo discurso, o enunciador evidencia que o contato entre diferentes “povos” pode não gerar um fruto “amaldiçoado”, que há algo de bom proveniente dos que vem de além-mar, ponto expresso pelo léxico *nem*, funcionando como uma conjunção alternativa, que aponta para a constituição de uma nova raça que não sendo espanhola ou asteca, não deve se “sentir inferior”, assertiva marcada pelo seguinte enunciado: “Eles não pertencem nem ao meu mundo nem ao dos espanhóis. São a mistura de todos os sangues”. Há, ainda, a percepção de um discurso que prima pela não sujeição, mas que de modo algum motiva o ódio ou a violência, perceptível por: “Não permita que um espelho negro lhes diga que são inferiores (...). Livre-os da traição, do ódio, do poder (...). Apareça em seus sonhos para limpar de sua cabeça o sonho da guerra, esse sonho de loucura coletiva”.

Em “Fortaleça o espírito da nova raça (...), para que saiba que sua presença na terra é uma promessa cumprida do universo” ao relacioná-la com as primeiras considerações acerca do recorte analisado, se percebe que o enunciador entende a nova raça, constituída a partir do contato com o estrangeiro, não de modo negativo, posto que ao clamar aos deuses se pressupõe que o clamor busque a “revelação” da verdade, daquilo que é bom (isso ao menos no mundo cristão). Ao enunciar essa nova raça como “uma promessa cumprida do universo” o contato com o que é estrangeiro não é o signo do maléfico, e, o não-dito se faz presente pelo dito no discurso, trata-se do fato dessa “nova raça” se sentir, de algum modo, inferiorizada.

Podemos inferir alguns traços da constituição da identidade do sujeito-enunciador presente nos discursos, pois estes estão marcados pelo ranço deixado pelo processo de colonização que explorou profundamente os territórios desses sujeitos. É possível mencionar uma identidade multifacetada ao demonstrar sujeitos outros, que não apenas os enunciadores dos discursos analisados, divididos quanto à interferência estrangeira. Isso porque há, ao menos, duas possibilidades de entendimento quanto a essa interferência, uma que repudia violentamente o que é estrangeiro (discurso literomusical de 1975), e outra que demonstra um passo positivo do contato (o discurso literário de 2006).

Mas o que leva os discursos acerca do processo de colonização na América “Espanhola” do ponto A ao ponto B? O movimento denominado, por alguns, como modernidade tardia e, por outros, pós-modernidade, desencadeou, na América Latina, diversos estudos que são marcados, sobretudo pela busca de uma identidade que não mais “baixe a cabeça” para o que é estrangeiro, tampouco ignore as contribuições, os aspectos positivos que podem ser depreendidos dessa relação que começou a se

estruturar ainda no período colonial. Talvez, a América Latina esteja deixando o ódio irascível por aqueles que saquearam suas riquezas no período colonial, por uma postura mais reflexiva, em um momento pós-colonial.

Quando mencionamos a identidade, estamos concordando que seja possível caracterizar o enunciador presente nos discursos. Nesse caso, o ethos discursivo se converte em material eficiente para tal empreitada, isso porque torna possível depreender a “imagem de si” no discurso, não do autor ou do locutor-I, mas do locutor-L (enunciador). Uma imagem que não se desvencilha de sua conjuntura de produção, pois qualquer que seja o discurso este se constrói de uma dada sociedade, que por sua vez possui uma história, ambas interferindo na imagem final que se terá do sujeito-enunciador. O ethos discursivo, nessa configuração, permitiria depreender questões sócio-históricas e ideológicas que interfeririam na constituição dos sujeitos-enunciadores dos discursos em análise.

A canção “maldición de malinche” foi escrita em 1975 por Ochoa & Palomares, em meio a um México mergulhado em crises políticas e socioeconômicas, quadro disseminado mundo a fora por uma recessão enfrentada pelos Estados Unidos que atingiu aos produtores de petróleo que lhes eram fornecedores.

No caso do discurso literomusical, a construção discursiva traz a figura de um fiador que se coloca como um observador atemporal da chegada e dos efeitos da corte espanhola em terras correspondentes ao atual México, conclusão a que se chega, sobretudo, pelo nome Malinche, que se sabe foi a tradutora do colonizador espanhol Hernán Cortés. É, principalmente, pelo seu nome associado aos léxicos “maldición”, e, “maleficio” que se constrói um fiador possuidor de tom rancoroso e que nutre ódio pela figura de Malinche enquanto figura que “entrega” para os espanhóis tudo o que deveria ser mantido sob proteção. Maldição e malefícios que seguiriam como concepções arraigadas nos descendentes “Asteca-Hispanos” através dos tempos até a escrita da canção.

As interrogações no final da música demonstram o tom contestatório manifesto pelo sujeito-enunciador, um tom discursivo característico de períodos conflituosos, como era o caso do México quando da estruturação do discurso. Já o romance *Malinche*, trata-se uma obra escrita no México contemporâneo, às voltas com questões inerentes à constituição do sujeito pós-moderno, bem como, um mundo cada vez mais globalizado, onde as distâncias se aproximam e o que é estrangeiro parece cada vez mais familiar.

No romance, deparamo-nos com a constituição de um sujeito-enunciador mais complexo, bem como um fiador que se elabora discursivamente de modo mais detido. Na primeira citação de *Malinche*, estamos diante de ‘uma imagem de si’ pautada pela fragilidade, com um

fiador que chora diante da recusa de compreensão por parte do “outro”. Já no último recorte, o sujeito-enunciador é representado por um fiador esclarecido, consciente do novo estatuto das relações entre os povos. O tom apresentado pelo discurso é apaziguador de conflitos, mas não prioriza a subserviência de uns em relação aos “outros”.

É possível, afirmar que o tom apaziguador de conflitos, expresso pelo enunciado: “Apareça em seus sonhos para limpar de sua cabeça o sonho da guerra, esse sonho de loucura coletiva, esse doloroso inferno”, seja inerente aos padrões culturais da contemporaneidade que buscam a consolidação de uma sociedade menos desigual.

Considerando o exposto, podemos concluir, sem finalizar, que a constituição de uma formação discursiva e, mais especificamente, de um discurso possui uma relação de interdependência centrada na tríade: discurso ó ideologia ó identidade. Onde, a imagem de si presente no discurso, marca a própria conjuntura de produção da obra – seu aspecto sócio-histórico, e principalmente, ideológico – o que interfere na constituição da identidade do sujeito-enunciador, isto é, a identidade deste se torna passível de apreensão através de seu discurso.

Percebemos que a identidade do sujeito-enunciador presente nos dois discursos analisados, são marcadas pelo cenário histórico característico da constituição do Estado mexicano, cabe mencionar, a progressão temporal dos efeitos da colonização espanhola. Marcas que são tratadas por Santos (2007, p. 4), como a progressão moderna de um pensamento limitante e que assume proporções mundiais, o pensamento abissal.

Segundo o autor, um pensamento com bases nas linhas cartográficas que dividiram o mundo, que vai muito além da instauração de um sentimento de inferioridade, relegando ao outro lado da linha o espaço da invisibilidade (principalmente, as nações do “lado de cá” do Atlântico). A alteração desse estatuto abissal para um pensamento pós-abissal (Santos, 2007, p.22-3) ocorreria quando se construísse uma relação baseada na ecologia de saberes, assim como, na co-presença, isto é, conseguir pensar tomando como norte a posição ocupada pelo outro, valorizando a pluralidade, e um pensamento que não seja excludente, centrado na cooperação entre as partes.

Os discursos analisados ao longo dessa discussão, diante da ideia concebida por Santos, são partes constituintes de formações discursivas que evidenciam tanto o dito quanto o não-dito acerca do processo de colonização do México. São, ainda, formações discursivas que estão sujeitas à interferência de formações ideológicas, a princípio, um discurso literomusical envolto em uma formação ideológica inerente ao pensamento abissal, e posteriormente, um discurso literário, estruturado segundo uma formação ideológica que manifesta um pensamento pós-abissal.

DE FATO, UM FINAL?

Até o momento, observamos a configuração de dois discursos acerca da colonização do “Novo Mundo”. Por esse caminho tivemos a oportunidade de visualizar como os discursos tratam esse período histórico e a influência por ele exercida na contemporaneidade. Para isso, nos apoiamos principalmente em conceitos inerentes à prática teórica da Análise do Discurso, que nos permitiu tecer um quadro acerca de como é possível apreender a figura do sujeito-enunciador a partir da prática discursiva por ele desenvolvida.

Nesse ínterim, percebemos sujeitos-enunciadores que se não são verdadeiros, ao menos permitem construir uma imagem de sujeitos reais marcados pelas duras penas impostas pelo período de colonização. Sujeitos que se encontram divididos diante de um quadro sócio-histórico e ideológico que os impulsionam para uma relação dúbia frente ao que é estrangeiro, ora negativa, ora positiva. Não pára qualquer dúvida, no entanto, sobre a questão da interferência cultural do europeu sobre essa sociedade, basta ter em vista que discursos quanto ao tema tem sido produzidos com certa frequência no México.

Discorreremos acerca de discursos nacionais mexicanos, e chegamos a conclusão de que o europeu deixou marcas inapagáveis na civilização que se desenvolveu, e, não sabe se odeia ou ama seus antepassados, bem como, lidar com o elemento externo. Percebemos que a identidade mexicana possui alguns percalços que precisam ser resolvidos tomando como ponto de partida as relações sócio-históricas e ideológicas provenientes do período de colonização. Concluímos, finalmente, que ao mesmo tempo em que um discurso é situado por uma dada sociedade, ele também a situa.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Rute (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. 112 p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Sírio Possenti; Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OCHOA, Amparo & PALOMARES, Gabino. ‘La maldición de Malinche’. 1975. Disponível em: <<http://lenguacempalibertad.blogspot.com.br/2010/10/palomares->

[gabino-la-maldicion-de.html](#)> Acesso em: 15 de agos. de 2013.

POSSENTI, Sírio. Observações sobre interdiscurso. Revista Letras, Curitiba, n 61, especial, p.253-269, 2003. Editora UFPR.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal. Revista crítica de ciências sociais, n 78, outubro, p. 3-46, 2007.